

Entrevista

ALTAMIR TOJAL, O AUTOR FALA DO LIVRO

Altamir Tojal situa *Faz que não vê* na tradição do “romance de formação”, uma forma originada na literatura alemã, em que o personagem é confrontado entre seus ideais e a realidade. O livro é construído como um *thriller* político, tendo como protagonista um ex-guerrilheiro que se converte em *yuppie*.

Como você define o livro?

- Eu o situaria na tradição do “romance de formação” (*Bildungsroman*), entendido no sentido amplo, de narrativa da aventura interior do protagonista que parte de uma atitude de confronto com o mundo, é marcado pelos acontecimentos e enfrenta o contraste entre a vida que idealizou e a realidade. Há quem considere esta forma exaurida, mas eu entendo que não. O livro conta a história de um ex-guerrilheiro que se converte em *yuppie*. É também um *thriller*, ambientado num mundo em que se misturam política, negócios e crime.

Qual a razão do título Faz que não vê?

- A história procura levar o leitor aos meandros do submundo da corrupção e do crime. É um universo que todos conhecemos, que alcança a todos nós, mas, muitas vezes, tentamos não ver e esquecer.

O livro também mostra um ambiente sindical corrupto e violento. Na sua opinião, ainda é assim ou você se baseou no passado?

- A corrupção e a violência no movimento sindical não é um mal contemporâneo nem um vício brasileiro. A história do sindicalismo norte-americano, por exemplo, se confundiu com a da máfia por muito tempo. Isso não significa que todo o movimento sindical seja corrupto. Sem o sindicalismo combativo e comprometido com a defesa dos direitos e conquistas dos trabalhadores o capitalismo seria mais perverso e atrasado.

Em que medida sua experiência pessoal contou para o enredo?

- Acho que a experiência de vida do autor conta bastante nas histórias que escreve. Admito, é claro, que os episódios políticos que vivi e o meu trabalho na interface do mundo corporativo com a mídia ajudaram na construção da história e do protagonista. Mesmo sendo uma obra de ficção, diversas situações foram desenvolvidas a partir de cenas das quais participei e testemunhei.

O protagonista trai os ideais da juventude? Você ainda mantém os seus?

- Respeito que pessoas, ao lerem o livro, cheguem à conclusão de que o protagonista traiu seus ideais, mas não penso assim. Entendo, hoje, que tínhamos boas intenções, mas nem tudo que pretendíamos corresponderia, se fosse feito, aos nossos sonhos. Acho perfeitamente possível ter agora os ideais de antes e procuro preservar os meus, apesar de toda a onda niilista resignada, da conversa fiada de que ninguém presta e que tudo está errado. A diferença é que hoje tenho ideais mais firmes, temperados nos erros e também nos acertos.

O livro iguala personagens e revela desprezo pelas utopias. Trata-se de um olhar cínico e sem esperança?

- Não há, no livro, invulnerabilidade nos personagens, sejam perdedores sociais ou supostos ganhadores. Todos se assemelham na busca de objetivos, quase sempre a qualquer custo. Também não há saída da realidade para qualquer utopia ou transcendência. Mas isso não significa necessariamente cinismo e desesperança. Mostra simplesmente que não há possibilidade de fuga de nós mesmos nem do aqui e agora.

Faz que não vê, de Altamir Tojal

200 páginas – R\$ 29,00

Editora Garamond – www.garamond.com.br